

## A revolução sexual

João César das Neves

O sexo é hoje um dos temas mais presentes. Na televisão, nos escaparates das revistas, nas notícias e nos anúncios, as referências sexuais veladas ou explícitas são omnipresentes. Parece hoje incrível e risível que no início deste século fosse intolerável uma mulher mostrar o tornozelo e houvesse reprovação generalizada pelo comportamento “imoral”.

Vale a pena traçar os termos desta evolução, porque nos ajuda a compreender a situação actual. Há poucas décadas, a questão sexual mais polémica era a admissibilidade de um casal se beijar em público ou de o fato-de-banho mostrar as pernas. Mas, nessa altura, os que então consideravam que “não havia mal nenhum” no beijo público e nos fatos-de-banho mais ousados, consideravam infame o adultério e os filmes pornográficos. Poucos anos depois, a luta era para conseguir liberalizar o divórcio e libertar o cinema. Mas os que defendiam que estas coisas “eram boas e modernas”, abominavam o aborto e a homossexualidade. Hoje, muitas pessoas acham que o aborto e a homossexualidade “não têm mal nenhum”, mas consideram horríveis a pedofilia e a violação. Não é difícil prever que em breve se começará a falar do “desabrochar das crianças para o sexo” ou do “papel natural da violência na vida sexual”. Assim, a mudança dos hábitos sexuais assemelha-se, neste século, a uma marcha devastadora e imparável, onde as práticas que eram proibidas em breve passam a ser toleradas e, pouco tempo depois, são quase obrigatórias. Perante esta impressionante evolução, muitas são as pessoas bem intencionadas que se assustam, e se perguntam onde é que tudo isto vai parar.

A resposta a esta pergunta é fácil. A nossa sociedade está, nos hábitos sexuais, a assemelhar-se cada vez mais com a Grécia primitiva ou a Roma imperial. As sociedades antigas viviam, naturalmente, na licenciosidade e na promiscuidade. Grécia e Roma, onde a civilização moderna nasceu, tinham como práticas comuns a pedofilia, a homossexualidade, a violação e o aborto. O mesmo se passava em todas as sociedades primitivas, dos bárbaros na Idade Média aos índios no Renascimento. O ocidente moderno está, simplesmente, a retornar a esses costumes.

Comparando as sociedades não é difícil ver o paralelo. É patente o regresso aos hábitos antigos dos romanos, gregos e, no nosso caso, dos lusitanos e visigodos. É aí que esta evolução irá acabar. Em certos casos, até se recuou mais. Basta visitar algumas discotecas e vemos claramente a semelhança com os hábitos das cavernas. Nem sequer faltam os “graffiti” para substituir as pinturas rupestres. É evidente que muitos drogados vivem hoje em condições da idade da pedra.

A única coisa que espanta é que essa evolução seja apregoada como um avanço e uma modernização. Muitos vivem actualmente segundo códigos sexuais de promiscuidade das tribos nómadas ou das cidades arcaicas, abandonando as práticas de fidelidade e continência que tinham sido adquiridas ao longo de séculos de civilização. É um ridículo histórico que se considere isso como um progresso. Mas porque razão se verifica este recuo civilizacional ? Para entender a evolução temos de compreender a “revolução sexual”.

Em toda a história mundial houve apenas uma “revolução sexual”. Essa transformação radical deu-se quando S.Paulo e os outros discípulos de Cristo pregaram à sociedade antiga, libertina e promíscua, a pureza de costumes, a temperança e o domínio do espírito sobre as tendências da carne. O que os apóstolos anunciavam era a vida eterna, mas desse facto saíam, naturalmente, várias consequências e, além do amor ao próximo e da justiça social, vinha também a pureza corporal. A partir de então, em todas estas regiões e nas várias épocas da história, a chegada da mensagem de Cristo significou, no campo sexual, uma revolução de costumes.

É um facto histórico incontestável que foi no contacto com a Igreja Católica que as sociedades, da antiga Europa dos apóstolos à América e à África dos missionários, despertam para uma vida sexual regrada. É com a Igreja que se privilegia a fidelidade conjugal, a castidade e, em geral, o controle dos apetites corporais pelo espírito e pela razão. As outras civilizações, mesmo quando adoptavam estas práticas nas elites, o que era raro, conviviam com a generalização das concupiscência ao nível geral da sociedade.

Note-se de passagem que a moral cristã, embora tenha dado importância aos temas sexuais, nunca fez deles uma prioridade absoluta. A Temperança, a virtude que regula os apetites corporais, é a menos importante das virtudes cristãs, sendo ultrapassada pela Prudência, Justiça e Fortaleza e, sobretudo, pela Fé, Esperança e Caridade. O facto da

licenciosidade do nosso tempo exigir que a Temperança seja lembrada com maior frequência pela Igreja não deve ofuscar este facto.

A evolução fica assim clara. Verificou-se, ao longo da História, em várias culturas que, depois de um avanço da influência da Igreja, houve um recuo, como no Japão ou Magrebe. E, nesses casos, entre outras coisas, registou-se sempre um retorno às práticas sexuais antigas. A sociedade ocidental, que começou a atacar a Igreja com o racionalismo, viveu os últimos dois séculos em triunfalismo materialista. Embora tenha começado com o puritanismo marxista, ele não durou muito tempo. Perdida a referência espiritual, naturalmente que a licenciosidade dos costumes teria de voltar.

A evolução da atitude sexual é assim a consequência natural do recuo da influência cristã na nossa vida. O recuo, no entanto não foi total. A moral cristã tem grande influência nos nossos dias. Muitos são aqueles que pensam que a vida sexual, sendo muito importante na vida humana, deve ser integrada no projecto geral da existência pessoal. Não se devem alarmar nem capitular. Estamos hoje, em Lisboa, Londres ou Nova Iorque, exactamente como S.Paulo em Corinto. Vale a pena ler o que ele então disse.

Diário de Notícias, 4 de Maio de 1998